

## O ENSINO RURAL

Dois sistemas educacionais se encontram, na actualidade pedagógica, francamente em luta nos países que mais se têm preocupado com a educação primaria: a "Escola do Dizer", a escola verbalista, livresca, de theorias, a qual se mantem ainda preponderante por varias razoes, como sejam - a inercia, a legislação antiquada, e os interesses criados - e, a "Escola do Fazer", ou escola do trabalho e da acção, que é defendida com denodo por sociologos, por mestres eminentes e por educadores notaveis.

Na "Escola do Fazer", na educação pela acção, na escola do trabalho, tenta-se educar a criança sem subtraíl-a ao proprio meio, á sociedade em que vive, ao convívio da natureza, e na qual se respeita, como principio basico, a sua fragil personalidade.

O ideal da "Escola da Acção" - antithese da escola verbalista e dogmatica, - é por-se a criança em condições de "ser" educada por meio do trabalho quotidiano e graduado; - conduzir-se util e honradamente; ser, na medida das suas forças, um factor de progresso no meio ambiente em que vive; pensar e agir, enfim, com intelligencia e vontade livres, preparando-se de tal modo para ser um bom cidadão do torrão em que nasceu e um nobre membro da humanidade.

Naturalmente que a Escola, sosinha, não pôde fazer isto, se não a ajudarem a Sociedade e o Lar.

Entretanto, a verdade mostra não ser isto um trabalho de cyclope, procurar com efficientes meios de acção, organizar na escola, os trabalhos de maneira transcendental e victoriosa, criando forças collaboradoras e amigas no seu ambiente social, graças á propria influencia das crianças e destruindo as causas que até hoje vêm fazendo da escola rural um ambiente pouco propicio aos ideos de um paiz de civilização agraria, como deve ser o nosso.

No ambiente escolar o professor deve educar; isto é - criar habitos firmes no futuro homem, para que physica, intellectual e moralmente, seja um individuo apto na luta pela vida.

O habito cria-se com a repetição e com o exercicio, de onde se conclue que a educação é o fruto da acção e não dos preceitos.

Não ha nada na intelligencia que não haja passado antes pelos sentidos. Respeitando-se o afan da criança em construir e destruir, - o qual não significa outra coisa que os esforços de uma pequena intelligencia - para chegar a produzir, a fabricar alguma coisa por si mesma - deve-se procurar não oppor obstaculos ao proposito: mas, sim, estimulal-o e dirigil-o.

A criança nasce com faculdades indefinidas, que se podem fazer definir e desenvolver. Depois, podem ser encaminhadas á vontade para outros usos.

O professor, diligente e dedicado, procura na Natureza os recursos para seu ensino...

E a escola rural não deve tornar-se velho reducto, permanecer cega e surda ás actividades regionaes, alheia a certas falhas que, na ordem moral ou na vida pratica, accusam o grupo social em que actua.

Portanto, para a educação da criança do campo, o ensino adequado deve ser o Ensino pela acção, a "Escola do Fazer" - enfim, a Escola do Trabalho.

Pensando na vastidão do territorio brasileiro, que é um verdadeiro mundo, onde temos todas as condições naturaes para produzir bem e muito, sermos felizes, termos fartura e independencia, qualquer pessoa, mesmo não sendo professor, comprehenderá a necessidade do ensino rural no Brasil.

Muito já têm feito varios educadores brasileiros, no sentido de melhoramento da educação rural, bem o sabemos; mas o que falta ainda, é infinitamente muito mais.

Tão grande é a obra a realizar, que nenhum governo poderá fazel-a sozinho, se não se desenvolver uma obra de collaboração publica, obra em que todos collaborem com uma grande dose de boa vontade, de elevação, de desprendimento e patriotismo.

As experiencias que já tenho realizado em minha vida de educadora brasileira, me autorizam a dizer que o problema do Ensino Rural, na escola primaria, não é uma obra de literatura. É, sim, uma urgente obra experimental, cheia de tropeços, de dificuldades e preocupações - que põem á prova a devoção e energia do professor... Mas que, também, forçoso é confessal-o, se mostra plena de surpresas e alegrias, como pude verificar na Bahia, no 12. Congresso de Ensino Rural e no Estado de Minas onde estive a serviço do ensino rural commissionada pela Secretaria de Educação de São Paulo.

Em quasi todo o territorio brasileiro, tem predominado até hoje, a pequena escola rural que tenta como pode, educar a criança da roça. Como a escola não se harmonisa com o ambiente, é estranha ás ocupações e ao caracter dos habitantes e aos seus costumes, não conta com a collaboração da familia rural e por ella não pode irradiar sua influencia benefica no meio rural.

E como pode ter influencia a escola, se o mestre não tem mentalidade agraria; se o programma, os textos, o material didactico e os methodos de ensino são bons para a cidade e não para o campo, onde a escola com o ambiente só tem, muitas vezes, de commum, o pobre rancho em que está instalada?

A escola rural tem que deixar de ser theoretica, livresca e encyclopedica, como até hoje, para ser a verdadeira escola rural, onde os filhos do lavrador e do pequeno industrial rural possam receber uma instrução adequada, e não uma instrução abstracta, cheia de academicismo, que na roça não tem nenhuma applicação... A escola rural que não tem raizes na Terra, está destinada a desperdiçar seus melhores frutos e a esterilizar seus esforços. Como vae criar um espirito agrario, como vae formar legiões de lavradores, essa escolinha rural, sem estudo apropriado, sem terra cultivada, sem arvores, sem horta, sem jardim, onde os alumnos accorrem a receber, entre 4 paredes, uma instrução que os isola da vida do campo, e os impelle para a cidade?...

Não deve ser obra da Escola Rural, a tarefa de armazenar nos cerebros infantis, noções abstractas: porém, conforme um plano estudado e methodico, ella deve illustrar as mentes, adextrar as forças phisicas, disciplinar as vontades e fortalecer os caracteres.

Antes de formar, com a universalidade dos conhecimentos, o "Cidadão do Mundo" (que parecem ter por fim os frondosos planos de estudos de hoje) preocupe-se a nossa escola primaria em forjar o homem para o Brasil.

A escola primaria rural, tendo uma grande missão a cumprir, encontra facilidades em realisal-a, porque permite introduzir no estudo da natureza o methodo experimental - que utiliza como laboratorio a propria natureza, e porque educa, com objectivo concreto e humano objectivo, as faculdades e aptidões necessarias á disciplina da acção, que é a grande edificadora da civilização dos povos.

Entretanto, a escola primaria rural deve ter o cuidado de não se converter em pseudo-escola de agricultura, sem perder seu caracter extensivo, nem ter como objectivo formar perfeitos agricultores. As noções de agricultura não devem ser transmittidas como noções literarias, mas segundo a methodologia das sciencias naturais, sempre viva, intuitiva, concreta, experimental e pratica.

A escola rural, ao intensificar o ensino das questões que attingem a vida de relação do homem, não se descuida de tornar attrahentes

e interessantes as questões da sua vida vegetativa, que é base daquela. Assim, não deve contrariar as disposições innatas da criança, cuja curiosidade se volta toda para a natureza, que se lhe apresenta misteriosa, ora na semente que oculta uma vida, ora na pompa e luxo de uma flor, assim como na generosidade do fruto, na beleza dos ninhos, na variedade das formas e coloridos dos insectos e na vida no fundo das aguas, no seio da terra, no esplendor e na colera dos ceus!

Essa curiosidade da criança e a inquietude physica da idade, são forças ponderaveis que a escola rural não deve desperdiçar, porém aproveitar preciosamente.

Com effeito, a disciplina da acção, essa disciplina formadora do caracter, tem, nas praticas agricolas, a forma mais sympathica, adequada e proveitosa - a forma mais completa de se educar a criança - pois corresponde á sua "cultura integral", sob o estímulo poderoso das necessidades espirituaes, physicas e normaes. Cultura integral, dizemos, porque as praticas agricolas, além de exercitam a intelligencia, collocando em actividade a attenção, a observação, o raciocinio, dando logar á comparação e ao julgamento - estabelecendo a experiencia - desenvolvem uma cultura physica no melhor dos ambientes; em pleno sol e ao ar livre! Desenvolve uma cultura esthetica, com a contemplação diaria das linhas, da forma, da cor - nos modelos naturaes, na regularidade harmoniosa das hortas, na ornamentação floral dos jardins.

Desenvolvem uma cultura moral, que fortifica o espirito da ordem, o habito da observação, a reflexão, a prudencia, a previsão, a vontade firme, a energia, a afeição ao trabalho - valores estes que emergem da luta consciente do homem com a natureza, e que infundem um respeito infinito pela obra criadora, inimitavel, de Deus!

Tal é, a nosso juizo, o proposito primordial da pratica agricola na Escola Rural, que convida insensivelmente a criança a cultivar o amor ao trabalho, e lhe determina uma sub-consciencia esclarecida, uma educação respeitosa pelo trabalho agricola e o gosto pela vida rural, satisfazendo, ao mesmo tempo que o proposito didactico (que é um proposito educativo em alto grau), um outro não menos importante, de indole economica e nacionalista.

Este proposito economico surge, mesmo a despeito da tosca realisação das praticas agricolas, nos cultivos familiares, de interesse domestico. Estes são executados de accordo com as forças da criança de cada sexo, e sufficientes para instrui-la nas razões do "Porque" e do "Quando". As actividades geraes do cultivo repercutirão immediatamente na economia dos lares. O alumno primario da Escola Rural, que tenha que se dedicar á agricultura, - sem outra preparação que o deste simples ensino - não sairá da escola como até hoje tem saído - ignorante de toda informação experimental e dos mais simples conhecimentos biologicos das culturas. Para afirmar o ponto de vista economico bastará, desta educação ruralista, que aprenda em suas praticas escolares, a influencia da seleção das sementes; do emprego preventivo das vacinas; da necessidade dos expurgos; da extincção das formigas, para que a agricultura nacional fique devedora, á Escola Rural, de um serviço de incalculaveis beneficios para o Brasil.

xx análise do solo,  
xx adubação  
xx fertilizantes  
etc -

21-9-1937.

Noemia Saraiva de Mattos Cruz

1935-1942 Ex-Diretora Grupo E. Rural Butantã.  
 1942-1950 ex-Inspetora do Ensino Rural  
 1950-1953 ex-Assistente Chefe do Ensino Rural  
 Leg 1953 apresentada